

HISTÓRIA E LENDA NA POESIA HERÓICA ESPAÑHOLA

Estudo paleográfico-diplomático do primeiro cantar épico espanhol, o "Poema de Mio Cid" (*).

Tôdas as nações têm, umas mais, outras menos, sua Literatura Heróica. E tôdas igualmente não têm visto nela, falando em geral, mais do que lendas, muito belas, sim, mas no fim, lendas.

De mundos tão pródigos em acontecimentos, e tão importantes para a marcha da Humanidade, como são os medievais, contamos apenas para escrever sua História, junto a uma exígua quantidade de documentos, com as narrações heróicas. Apesar disso, estas últimas têm sido rejeitadas sistemáticamente pelos historiadores, por acreditarem que havia nelas sòmente elementos legendários, que não eram de nenhuma utilidade para a História.

Felizmente êste conceito já está modernamente ultrapassado, pois se demonstrou, da maneira mais absoluta, que nas canções de Gesta existe uma quantidade tão grande de dados históricos que nem as próprias Crônicas ou Histórias daqueles tempos as superam; até o extremo, de que muitas destas não são mais que refunções em prosa dos cantares heróicos.

Isto é tão certo, que obras como a *Crónica de Viente Reyes*, ou a *Grande e General Estoria de España*, de Afonso X, o Sábio, contêm, conforme demonstrou a moderna crítica paleográfica, uma infinidade de poemas épicos dissolvidos em sua narração. Dêstes, uns se perderam, mas outros se conservaram inteiramente ou quase por completo. Entre os segundos, está precisamente o que vai ser objeto de nosso estudo. E' bem verdade que a primeira fôlha do único códice conservado, falta-nos, por infelicidade; mas esta perda, ainda que lamentável, não é, no entanto, irreparável, pois que pôde ser completada sem grande dificuldade, graças à particularidade antes mencionada, de figurar sua narração em prosa, nas duas obras anteriores.

(*) — Este trabalho foi premiado com a qualificação máxima pela Cátedra de Literatura Universal da Universidade de Valladolid (Espanha), em 27 de junho de 1949. Texto espanhol traduzido pela Licenciada Sonia Aparecida Siqueira. (Nota da Redação).

Que utilidade, pois, têm para a História a poesia heróica, as canções de gesta e os poemas épico-legendários?

São apenas lendas?... E' tudo História?... Que há neles de uma e de outra?...

Eis algumas interrogações a que vamos tentar responder, pois acreditamos sinceramente, que estas monografias paleográfico-histórico-diplomáticas, não só acêrca de um único poema, como nós vamos fazer, mas acêrca da maioria dos demais, seriam de uma importância verdadeiramente transcendental para a História. De períodos muito extensos dela, não conhecemos mais que a fenomenologia. Se a História é a *magistra vitae* que todos afirmamos, não o será precisamente, porque sabemos quantas batalhas ganhou ou perdeu tal ou qual monarca, ou quantos anos ocupou o trono, ou as vêzes que seus súditos se sublevaram. Conceito tão simplista e infantil, não mereceria a pena sequer estudar.

Portanto é indispensável aprofundar mais e ir ao próprio âmago do problema, à crítica interna ou diplomática.

Baseados nestas duas ciências, Paleografia e Diplomática, vamos intentar reconstruir um mundo, não tão sumamente longínquo (a composição do poema foi fixada por Menéndez Pidal no ano de 1140), mas para nós quase totalmente desconhecido, como é o do século XI, com suas instituições, sua sociedade, seus costumes, suas lutas, seus sentimentos; enfim, todo êsse mundo sôbre o qual não se escreveu nem uma letra, e que no entanto, constituiu a essência da História Medieval.

Intentar dizer algo de novo acêrca do primeiro poema épico da Literatura Espanhola, do qual tanto se tem escrito, mais que um afã científico, poderia parecer temeridade. Apesar disto, cremos sinceramente que vamos fazer um estudo que apesar de breve, é totalmente novo, e do qual não sabemos de ninguém que o tenha tratado diretamente.

De todos quantos podem fazer referência ao poema, não há nenhum tão importante e verdadeiramente essencial. Deixá-lo reduzido unicamente a seus limites literários, equivaleria privá-lo de 90% de seu valor, pois que sua verdadeira importância, seu verdadeiro motivo de existência, e fim para que foi composto, foi e é a História. O anônimo poeta de Medinaceli não pensou nunca em redigir apenas uma bela obra poético-literária, como também, e mais ainda, uma obra histórica. Seu primeiro intento foi um fracasso; se alcançou o segundo, constituiu um êxito.

Saber o que tem de História e o que tem de lenda, equivale a achar a verdadeira essência do poema, e por conseguinte, sua utilidade ou inutilidade para a primeira.

Para realizar um estudo desta natureza, ser-nos-á preciso recorrer a toda classe de fontes documentárias, tanto oficiais como particulares, reais, religiosas, etc. Mas, qual delas terá menos erros? Porque, se vamos dizer a verdade, tôdas elas, igualmente, es-

tão eivadas de inexatidões, omissões, redundâncias utilitárias, etc., que tornam extremamente difícil averiguar a verdade, através delas.

Exposto assim o problema (e assim o é na realidade), o aproveitamento de tais fontes resulta sumamente problemático. Mas como não há outras, torna-se imprescindível a utilização destas. Desta necessidade tão peremptória, nasceram duas ciências afins, a Paleografia e a Diplomática, para que dando-nos uma, os meios e as regras para analisar o “corpo” do documento; a segunda nos complete a obra, ensinando-nos a reconstruir a “alma” de todo o escrito.

Estas duas ciências serão as que nos darão a conhecer, sem nenhum gênero de dúvida, quando devidamente aplicadas, a verdade ou falsidade, a utilidade ou inutilidade dos poemas. O que têm de História e o que têm de lenda.

Não pretendemos de modo algum, que seja êste, um trabalho exaustivo do tema, mas tão somente demonstrar o mais convincentemente possível, que nos poemas, a História tem muito o que recolher.

Depois do anteriormente exposto, qualquer um poderia pensar em afirmações gratuitas. Com o objetivo de evitar o mais possível a suspeita, vamos aduzir algum exemplo como demonstração de nossas asserções.

Dizíamos que as fontes documentais: Crônicas Oficiais, Histórias, etc. careciam da virtude essencial para toda obra histórica: a imparcialidade. Que todas elas são parciais por natureza, e que a crítica diplomática tem que rejeitá-las em sua quase totalidade, nada melhor que o seguinte exemplo nos diz, e como êle, advertimos já de antemão, há infinidades.

Frei Gil de Zamora, preceptor de Sancho IV, o Bravo, acusa Urraca e Afonso VI de incestuosos, coisa historicamente certa, e conhecida de todos, até dos próprios cronistas árabes, que narrem inclusive a “penitência” que a Igreja lhes impôs por tal delito (1 e 2). Exemplos como êstes, encontrámo-los sem conta,

(1). — Frei Juan Gil de Zamora, em sua obra *De praeconiis civitatis Numanciae* (Lores de la ciudad de Zamora) escrita em 1282, alude: “Urraca, e quando ocorreu el asesinato de Sancho, convocada la corte de leoneses y zamoranos, envía mensajeros a Alfonso, a quien amaba entrañablemente (quem visceraliter dilegebat) el cual estaba en Toledo desterrado”. O vassallo de Afonso, Pedro Ansurez, depois senhor de Valladolid, teve que ficar em Toledo, à mercê do Rei mouro, enquanto Afonso às escondidas cavalgava à noite para Zamora. “Recibido con gran alegría por su hermana Urraca, esta le propone que se case con ella, ambiciosa de poder y de ser llamada Reina. El hermano se resiste a tan inicua unión, pero ella le hace prender y encadenar teniéndole así, segun cuentan las Historias, hasta que vino de Toledo Pedro Ansurez. Este entabló largos con Arias Gonzalo el ayo de Urraca, Alcaide Gobernador de Zamora, reduciendo a ambos hermanos a una concordia, por la cual Urraca entregaría a Alfonso la ciudad de Zamora, y Alfonso entregaría su “cuerpo” y su reino a su hermana, lo cual fué jurado por ambos sobre los Santos Evangelios. Arias Gonzalo por orden de Doña Urraca entregó Zamora a Alfonso, recibíendole por Rey y Señor. Después celebradas las nupcias entregaron la tenencia de la ciudad a Pedro Ansurez, y procedieron al gobierno del reino”.

(P. Fita no Boletim da Real Academia da História, V, 1884, págs. 166-167).

(2). — O exímio arabista Levi-Provençal, publicava em 1948, na Revista “Al-Andalus” a tradução que acaba de fazer o cronista árabe Ibn-Al-Sayrafí, em

não apenas na Crônica Silense, como até na Toledana, e mais ainda na Compostelana, onde a parcialidade gelmiriana não repara nem em contradições, nem em tergiversação de acontecimentos (3).

E' bem verdade que nas canções de gesta predomina, muitas vêzes, o legendário e ideal, sôbre o verdadeiramente histórico; mas isto, em lugar de inconveniente, é antes uma vantagem, sendo precisamente através da lenda que melhor conhecemos o verdadeiro caráter dos personagens; do meio ambiente em que vivem e se movem; do mundo humano que os rodeia; assim como do meio físico que os restringe ou favorece; e, sobretudo, dos móveis, dos ideais que os impelem, com força irresistível para diante, até lograr o triunfo de uma idéia, que para êles é a melhor ou a mais adequada; bem como das circunstâncias, que os obrigaram a desenvolver-se num meio em geral hostil e adverso.

Lenda e História são duas qualidades das quais não podemos privar as canções de gesta, sob pena de fazer dêles um inútil acervo de palavras sem sentido, e de papéis garatujados.

I. — O Poema de "Mio Cid".

Como exemplo de quanto temos dito, nenhum tão idealmente belo, nem historicamente sugestivo, como o Poema de Mio Cid.

Os conceitos que mereceu desde seu encôntro, lá pelo ano de 1779, até o momento presente, têm sido sumamente contraditórios. Foi para uns — Masdeu, Cirot, Dozy — o protótipo das patranhas, chegando inclusive alguns, à negação histórica do herói de Vivar.

Antes de começar o estudo do poema, devemos advertir que não se trata neste trabalho, de fazer um estudo detalhado da primeira canção de gesta espanhola, coisa totalmente impossível, dada a sua brevidade, e a ingente quantidade de dados, detalhes e

que dizia: "relato que transforma totalmente la idea que se tenia de las relaciones entre Urraca y Alfonso!" Refere-se à obra "La España del Cid" de D. R. Menéndez Pidal, na qual se qualificava de "desvergonzada hablilla" e "calumniosa inculpación" as afirmações de Frei Gil de Zamora.

Era de supor, e isto acrescentamos nós, que acusação de tal categoria, não iria lançá-la sem motivo algum, por muito ódio que Frei Gil professasse a Afonso, contendo sua acusação um dos mais graves escândalos que entre cristãos se pode cometer. E agora, em seguida, vamos ver como pela boca de um cronista árabe — Ibn-Al-Sayrafi — se faz a mesma imputação gravíssima, e nos certificamos de quanto o franciscano professor de Sancho IV, o Bravo, afirmava dois séculos depois.

Diz, pois, Ibn-Al-Sayrafi: "Se refiere que Alfonso hijo de Fernando, estuvo en tratos carnales con su hermana Urraca, siguiendo asi, aunque era cristiano, las prácticas de los persas. Arrepentido meses después, de pecado tan nefando, pidió su absolución a los jercarcas eclesiásticos de su religión. Estos le impusieron de penitencia, la peregrinación a las Iglesias mas veneradas y ejercicios espirituales". (Al-Andalus: Vol. XIII, 1948, fascículo 1). E' necessário advertir que nas edições seguintes da obra, Menéndez Pidal corrigiu totalmente o conceito anterior, adaptando o relato à fonte árabe antes aludida.

- (3). — A primeira foi composta no Mosteiro de Silos, e daí seu nome. A segunda foi escrita no século XIII pelo Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo Gimenez de Rada. E a terceira, pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, Gelmirez, no século XII.

acontecimentos que documentalmente ter-se-ia que provar ou negar. Trata-se sòmente de dar uma visão de conjunto, que nos permita fazer uma idéia, a mais aproximada possível, da proporção em que estas duas características, História e lenda, entram em sua formação. Para isso citaremos só uns tantos exemplos que, sempre sem sairmos do poema (exceção está claro, daqueles documentos ou citações que sejam imprescindíveis para confirmar ou negar as notícias do poema, ou simplesmente para esclarecer-nos), corroborem cada uma de nossas asserções.

Nada diremos, tão pouco, acêrca de suas características lingüísticas e de versificação, ainda quando em linhas anteriores tenhamos afirmado, que como obra poética, é um fracasso. Dizemos isto, referindo-nos incidentalmente à sua versificação verdadeiramente bárbara, pois sua métrica não se acomoda a nenhuma direção. Ainda quando sua forma predominante seja a do verso de 8 mais 8 sílabas, isto não quer dizer nada, pois da mesma maneira encontramos outros de 24, ou pelo contrário de apenas 4 sílabas. Mais do que seu ritmo, tem-se que assinalar e dizer que sua arritmia é quase total e complexa em passagens inteiras.

Em resumo, a versificação do poema, sendo irregular no metro e no emprêgo da assonância, seria inútil querer reduzi-la a um tipo uniforme. Sua rude liberdade tem caráter próprio, em acôrdo perfeito com os feitos que canta. Não se deve esquecer, tão pouco, que nos encontramos diante dos primeiros balbucios de uma literatura incipiente. Depois desta pequena digressão, voltemos de novo ao poema.

Escrito êste, sòmente uns 40 anos depois de morto o Cid, sua narrativa pode-se dizer que é coetânea, e seu argumento, ainda que o acreditemos suíficientemente conhecido, é o seguinte:

Rodrigo Diaz de Vivar, é Alferes (generalíssimo) das hostes do Rei Sancho II, o Forte, quando êste é assassinado diante dos muros de Zamora. Em tal condição, exige juramento do sucessor, Afonso VI, em Santa Gadea de Burgos, "do juran los fijosdalgo", de não ter tomado parte no assassinato de seu irmão. Esse ato de lealdade a seu Rei morto, e as calúnias de que é alvo na cobrança dos "partes" (4) do Rei de Sevilha, Al Motamid, por parte dos chamados "mestureros" (5), fazem com que o novo Rei Afonso conceba contra êle um ódio mortal. Afonso não se atrevendo a tirar-lhe a vida, dá-lhe nove dias para que saia desterrado de todos seus domínios. O Cid tem que abandonar tôdas suas riquezas e estados, e o que ainda lhe custa mais, até sua própria mulher e filhas, e passar para as terras dos mouros. Magnífico guerreiro, o Cid, e estrategista consumado, logra apoderar-se do reino mouro de Valência, onde se proclama senhor.

(4). — Eram os tributos que os reis mouros tinham que pagar aos cristãos, para que êstes não os subjugassem.

(5). — Ou "encizalhadores", eram os cortesãos que caluniavam aos nobres, sem motivo, perante o rei.

Vai tão bem, e tão famoso se torna, que os Infantes de Carrión, depostos seus anteriores ódios e rancores, decidem casar-se com suas filhas, Dona Elvira e Dona Sol. Celebradas as bodas no palácio de Valência, onde mora o Cid, solta-se certo dia, um leão que aquêle tinha enjaulado. Os Infantes ao vê-lo, covardes e medrosos que são, procuram lugar onde se proteger, e não encontrando outro mais propício nem mais próximo, metem-se um debaixo de um banco, e outro em lugar próximo, o que presenciado pelo Cid e por seus criados, torna os Infantes objetos das zombarias mais sangrentas, tachando-os de covardes.

Estes, vendo-se humilhados, e sobretudo depois de um ataque dos mouros a Valência, no qual, ainda que vencedor, vêm o Cid voltar com a espada vertendo sangue, resolvem voltar para Castela. O Cid acede de bom grado, e lhes entrega suas duas filhas, mais o dote e os presentes de casamento, tais como as espadas Colada e Tizona.

Em caminho para Castela, têm que passar pelo robledo de Corpes, onde os Infantes decidem vingar a afronta do leão nos corpos das desditadas filhas do Campeador, suas espôsas. Para isso, após desnudá-las, lhes prodigam tão terrível surra com as esporas e cilhas dos cavalos, que as deixam, por julgá-las mortas, abandonadas no monte.

Quando isto chega aos ouvidos do Cid, seu furor não tem limites, mas por ser muito comedido, prefere pedir justiça ao Rei, desafiando para isso aos Infantes de “me nos valer”.

Celebrado o duelo, os Infantes são vencidos, casando o Cid suas filhas com os Reis de Navarra e Aragão.

Todo o poema gira ao redor de dois fatos principais, e muito bem delimitados: o destêrro do Campeador, e um segundo, as bodas de suas filhas, Dona Elvira e Dona Sol, com os Infantes de Carrión.

O histórico através do primeiro é francamente assombroso. Não somente são totalmente verídicos os retratos dos personagens, situações e lugares, como mais ainda, até os detalhes geográficos mais insignificantes, são totalmente históricos.

Por exemplo, quando o Cid sai desterrado de Castela, no ano de 1081, Atienza, praça forte da fronteira, está ainda em poder dos muçulmanos; e diz o poema textualmente:

“A la sierra de Miedes ellos ivan posar
de diestro Atiença las torres que moros las han”.

Por outro lado, quando tomada pelos cristãos, tornam a passá-la repetidas vezes, os cavaleiros do Cid; e até suas próprias filhas, em caminho para Valência, mencionando novamente Atienza, só diz que é “una peña muy fuort”.

Como podemos dizer que tudo ignoramos do autor do poema, pois não somente desconhecemos seu nome, como também tôdas as demais circunstâncias sôbre sua pessoa, não obstante o estudo

diplomático e íntimo do poema e de sua geografia, nos fez chegar com Menéndez Pidal, a importantes conclusões sôbre o lugar em que se compôs o poema. A exatidão e o detalhe topográfico com que o autor descreve certas comarcas, especialmente as de Medinaceli e as do vale do Arbujuelo, situadas nas atuais províncias de Guadalajara e Cuenca, tôdas na Nova Castela, e na direção de Valência, ou seja, pelo caminho que historicamente, e desde o tempo dos romanos, punha em comunicação Castela com o Levante valenciano, e que contrasta com a ignorância que demonstra, de outros itinerários e territórios, em relação a detalhes acidentais percorridos pelo herói, prova com tôda a evidência, que o *juglar* que compôs o Cantar era filho ou habitante das referidas comarcas.

“Podemos suponer, dice el referido autor, que el juglar nació allí, en Medinaceli... o que nacido hacia San Esteban de Gormaz compuso su obra, para ser recitada en la plaza de Medina, importante punto de concurrencia y mercado. Atendiendo a alguna particularidad del lenguaje, acaso podríamos sospechar también que el poeta era un mozárabe de Medina”.

Para descrever com tal exuberância de detalhes, como veremos em continuação, a fronteira de Castela com os reinos muçulmanos, numa época em que aquela estava num constante vai-vem, em um continuo fluxo e refluxo, de modo que o que hoje era de um, amanhã já não lhe pertenceria, e na qual se desconheciam por completo, mesmo as mais elementares noções da cartografia, é necessário sob qualquer ponto, admitir que o autor teve que percorrê-la várias vêzes, para chegar a dominar de maneira detalhada, a zona que descreve.

Dito isto, vejamos como o poeta conhece minuciosamente o ponto exato onde chega a fronteira cristã, nesse determinado ano de 1081: “pasó por Alcobiella que de Castilla fin es ya.” Hoje é uma questão sumamente difícil delimitar tal fronteira, no entanto o poema não se contenta em dar-nos apenas êsse dado, mas nos dois versos seguintes nos diz até o ponto exato pelo qual vadeia o Douro:

“la calçada de Quinea ívala traspasar
sobre Navas de Palos el Duero va pasar
a la Figueruela Mio Cid íva possar”.

E' possível dar-se maior quantidade de detalhes em ponto tão importante como é a Geografia? E isto não nos faz ver sômente no que se refere a Castela, mas também no itinerário, que até a cidade de Turia fazem as hostes do Cid.

Vejase como descreve alguns de seus trechos. O Cid depois de cercar Castejón, e já que não queria pelejar com seu Rei Afon-

so, resolve sair da zona que está sob sua proteção, a não ser que venha socorrê-la, e levantadas as tendas, prossegue o poema:

“Vanse Fenares arriba quanto pueden andar
troçen las Alcarrias e ivan adelant
por las Cuevas d'Anquita ellos pasando van,
passaron las aguas, entraron al campo de Taranz
por essas tierras ayuso quanto pueden andar.

Entre Fariça e Cetina Mio Cid iba albergar.

Otro dia moviós Mio Cid el de Bivar
e passó Alfama, la Foz ayuso van,
passó a Bovierca e a Teca que es adelant
e sobre Alcoçer mio Cid iba passar,
en un otero redondo, fuerte e grand;
acerca corre Salón, agua nol pueden negar.
Mio Cid don Rodrigo Alcoçer cueda tomar”.

E' de notar-se, como afirma em seus Anais, o Sr. Zurita, que entre Hariça e Cetina, passado Alhama, a Foz de que fala o poema, é um *passo* sumamente estreito e apertado por onde entra o rio Jalón e atravessa a serra, que os antigos chamaram de Idubeda, onde se encerra a maior parte da Celtibéria. Até êste determinado *passo*, conhece o poeta!

Como se pode ver, no curto trajeto de Castejón a Alcoçer, pouco mais de 50 ou 60 quilômetros, mencionou o poema nada menos de 13 nomes: doze povoações e um rio.

Mas, se assim conhece Castela, não domina menos a zona valenciana. Vejamos: o Cid cercado pelos mouros, manda mensageiros a todos os pontos onde tem partidários, a fim de que se unam a êle, e diz:

“vayan los mandatos por los que nos deben ayudar
los unos a Xérica, e los otros a Alucad
desí a Onda e los otros a Almenar
los de Borriana luego vengan acá”.

Mas se o poema conhece a dedo tais extremos, não lhe são menos familiares os nomes de todos e cada um dos “personagens”, que ora amigos, ora inimigos, se entrecruzam na vida do Campeador. De nada menos de vinte e cinco dêstes personagens, afirma Menéndez Pidal, ter encontrado a confirmação das suas existências em documentos da época.

Tanto aos amigos como aos inimigos que o poema mostra, encontrámo-los, efetivamente, nesse mesmo papel, nos documentos, crônicas e diplomas da época.

Daremos um exemplo: García Ordóñez é apresentado pelo poema como um de seus mais encarniçados inimigos, e assim, efetivamente o encontramos até nas fontes árabes. O ataque de represália que efetua o Cid contra seus estados, temo-lo confirmado até num documento do próprio Rei, em que Afonso VI diz textualmente, que o assina quando está a caminho em socorro de Gar-

cia Ordóñez, que está sendo atacado pelo Cid em seus próprios estados (6).

Duplamente histórico o poema, não somente nos fala dos personagens, como até de seus estados, sua procedência, seu natural e inclinações e até de seus parentescos familiares, ascendentes ou contemporâneos: de Pedro Ansurez diz, abarcam seus estados desde Zamora, Carrión e Saldaña, e assim é, efetivamente (7); dos Infantes de Carrión, diz:

“De natura sodes de los de Vani Gómez
onde salien condes de prez y de valor”.

De Don Jerônimo, o famoso primeiro Bispo de Valência, original da França, assim se expressa:

“de parte de Orient vino un coronado
el Obispo don Gerome so nombre es llamado”,

continua dizendo que era muito bom guerreiro, e o poeta não foi muito expressivo, pois mais adiante, na batalha do Cid contra o Rei Bucar, à vista de Valência, êste pede a honra das primeiras feridas. O Cid, muito galhofeiro, crendo que D. Jerônimo somente sabe rezar, lhas concede e diz:

“A fe los moros a ojo, idlos ensayar
Nos d’aquent veremos como lidia el Abad”.

Mas sua surprêsa não tem limites, quando vê o ímpeto do que parecia beatífico Don Jerônimo; dos seus dois primeiros golpes, envia outros dois mouros ao paraíso:

“el astil a crebrado e metiól mano al espada”.
“Ensayavas el Obispo, ¡Dios que bien peleaba!
dos mató con lanza e cinco con el espada”,

mas, apesar de sua bravura, os mouros o rodeiam; o Cid que não o perdia de vista, julgou oportuno intervir, ou, caso contrário, ficaria sem o seu bravo D. Gerome; e, sobraçando o escudo, e lança em riste, aguilhouo Babieca o quanto pôde, logrando aliviar a tempo a carga do seu não muito pacífico bispo, para quem já lhe ia resultando algo embaraçoso.

Finalmente a menção que faz dos principais cavaleiros que seguem a insígnia do Campeador:

“Minaya Alvar Fáñez, que Çorita mandó,
Martin Antolinez, el Burgales de pro,
Muñoz Gustioz, que so criado fo,

(6). — O Rei Afonso VI outorga os Fueros de Logroño “quando ambulavi ad illo Cómite Garsia sucurre (in) de personam per nominato in Campo Jerumi in Alberiht”...

(7). — (Mañueco Y Zurita: *Documentos de la S. I. M. de Valladolid*, pág. 69).

Martín Muñoz, el que mandó a Mont Mayor,
Albar Albaroz e Albar Salvadórez,
Galín Garciaz, el bueno de Aragón,
Félez Muñoz so sobrino del Campeador”,

é tōda ela, total e absolutamente histórica, como uma a uma demonstrou Menéndez Pidal em sua magistral obra antes mencionada: *La España del Cid*.

Tudo, absolutamente tudo isto, confirmam-nos os diplomas, cujas referências possuímos, mas que omitimos em razão da brevidade.

O Cid agoureiro:

“A la exida de Bivar — ovieron la corneja diestra,
e entrando a Burgos — ovieronla siniestra”.

Martín Antolínez, “ardida lança”; os judeus usurários contando e recontando seus lucros:

“Raquel e Vidas en uno estabam amos
en cuenta de sus haberes, de lo que habien ganado”,

e a alusão mais gráfica a seu omnímoto poder tanto antigo como moderno: se o Cid não torna a pagar o empréstimo que lhe fizeram em Burgos, irão eles buscá-lo em Valência, ou aos próprios infernos onde se meta, e assim diz o poema:

“Dixo Raquel e Vidas: — el Criador lo mande!
Si non, dexaremos Burgos, ir lo hemos buscar”.

Pelo visto, então como agora, poder-se-á fugir do poder de um Rei ou de um govêrno, mas nunca, jamais, das garras de um judeu credor. O quadro de Holbein: “Os contadores de dinheiro”, empalidece diante de tão magistral e gráfica descrição!

Todos êles são retratos morais e psicológicos, que nos dá o poema com gracejo sem igual!

II. — As Bodas.

A segunda parte do poema, ou seja, as bodas, é algo mais difícil de limitar a parte que tem de lenda, da realmente histórica.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o fato em si das bodas, é totalmente legendário, não o sendo assim seus demais detalhes, tanto geográficos, como de personagens, indumentárias, armas e demais circunstâncias.

Objetar-se-nos-á e com razão, que se o poema é histórico em sua primeira parte, por que não há de sê-lo na segunda? Em nosso conceito tem isto uma explicação: o poeta quis condensar tōda a malevolência existente em Castela (8) contra os inimigos leo-

(8). — O ódio de Castela a Leão nesta época, era verdadeiramente feroz, chegando várias vezes a produzir autênticas batalhas campais, tais como as de Llan-tada e Golpejera.

neses do Cid, e por sua vez vingar-se e insultar da maneira mais terrível de todos os por êle chamados *mestureros* e salvar ao mesmo tempo a realeza (infalível e sagrada, segundo as instituições germânicas das quais tantos exemplos encontramos em tôda a Idade Média) ao depositar tôda a culpa das injustiças cometidas por Afonso VI contra o Campeador, não no Rei que as havia cometido, mas em sua côrte que o havia aconselhado; e como esta estava representada essencialmente por Pedro Ansurez e García Ordóñez, inimigos seguros do Cid, segundo o poema, tudo quanto dissera, redundaria em vergonha e humilhação dos que durante tôda a vida tornaram impossivel a duradoura união do Rei com o desterrado, isto apesar de ter êste, tão boa aliada como era a Rainha Constanza (9). De tudo isto se condoia o poeta, e quis vingar-se o quanto lhe era possível, no desonrar pelas ruas e praças aos que a seu ver haviam cometido tantas injustiças.

Encontrada a moldura, faltavam-lhe sòmente os personagens, que serviriam de noivos, e nada mais a propósito para as pérfidas intenções do poeta, que os sobrinhos de Pedro Ansurez, os tão odiados Beni Gómez. Não escolheu algum filho de García Ordóñez, porque não os tinha. Claro que importava muito ao poeta, dar verosimilhança à invenção, e para isso, precisava de personagens reais, tirados de família por todos conhecida, aos quais une personagens secundários, também reais: Avengalvón, mouro amigo do Cid; Félez Muñoz, sobrinho do Cid, etc.

Achado tema e personagens, o poeta verte todo seu fel, sem o mínimo reparo de que denegria da maneira mais vergonhosa, uma das famílias mais ilustres de todo o reino, coisa que constituía precisamente seu objetivo.

Nem a boda, nem a afronta de Corpes, assim como as subsequêntes Côrtes de Toledo, jamais existiram, a não ser na imaginação do poeta, e em seu idealismo exaltado, do qual tantas amostras encontramos; mas tôdas essas coisas eram necessárias para o bom e cabal desenvolvimento da trama, e o *juglar* não hesitou em acrescentá-las ao poema.

Mas nada disto é um desmerecimento para a obra, ao contrário, pois não sabemos o que admirar mais, se sua história, ou sua lenda, porque se uma é bela pela veracidade de suas descrições geográficas e de personagens, não o menos a outra pelo talento no desenvolver uma trama totalmente ideal mas que se mescla da maneira mais surpreendente com o verdadeiro. Tão bem o canta e descreve, tão bem une o certo com o legendário que dá a sensação de que tudo o é. Exatamente igual ao pintor da fábula que até aos próprios pássaros enganou com o seu cacho de uva.

(9). — Afonso VI teve cinco mulheres legítimas: primeira, Inês; segunda, Constanza, francesa; terceira, Berta, de Toscana; quarta, Isabel; quinta, Beatriz, francesa. E duas concubinas Ximenna Muñoz, e a moura Zaida (Isabel), nora do Rei mouro de Sevilha, Al Motamid, entregue por êste a Afonso, como prenda para a luta contra os Almorávidas.

Assim precisamente é o poema, tudo o que canta é realmente histórico, mas naquelas outras coisas que tal não o são, senão pura lenda, idealismo puro de sua patriótica imaginação, nã-lo apresenta tão natural, tão verídico em todos seus detalhes accidentais, que nos parece deveras, que tudo quanto ouvimos e escutamos, é História certa e verdadeira.

Do escárneo de que são alvo as filhas do Cid no *robledo de Corpes*, parece-nos que o *juglar* foi testemunha presente. (Vamos dá-lo em castelhano moderno, para que melhor se possa seguir o fio da narração).

“Todos se han ido ya: los cuatro están solos. Allí los Infantes de Carrión meditan maldades:

“Doña Elvira, doña Sol: creedlo. Aquí seréis escarnecidas en estos fieros montes. Así nos pagará el Cid la mala pasada del león”.

“Quitales los mantos y las pieles, dejándolas desnudas con sólo la camisa y el brial. Los negros traidores llevan las espuelas calzadas, y echan mano a las cinchas. Cuando esto vieron las damas, díjoles doña Sol: Por Dios os rogamos Don Diego y don Fernando. Teneis dos espadas fuertes y tajantes: a aquella dicen Colada y la otra Tizona. Cortanos las cabezas; seremos mártires. Moros y cristianos irán diciendo que no lo hemos merecido nosotras. Pero no cometais tan gran crueldad; no nos ultrajeis, que no ganaréis más que envileceros, y os lo demandarán en vistas o en Cortes”.

“No aprovechan a las damas sus ruegos. Los Infantes de Carrión comienzan a golpearlas. Sin compasión descargan sobre ellas las cinchas corredizas y con las espuelas hiérenlas en las partes más sensibles del cuerpo. Así les rasgan las camisas y con ellas las carnes; escurría tiñendo los briales la hermosa sangre. Tanto las maltratan, que pierden el conocimiento y caen al suelo desfallecidas y ensangrentadas. Ya se han hartado ellos de herirlas, probando cual pegaría mejor. Ya doña Elvira y doña Sol no pueden hablar y por muertas las dejan en el robledo de Corpes. ¡Oh, sin igual ventura, si pluguese al cielo que apareciese de pronto el Cid Campeador!”

Mas entre os do acompanhamento alguém suspeita o que está sucedendo. Félez Muñoz, primo das desgraças espôsas, se esconde na espessura. Quando vê chegarem os Infantes sem suas primas, seu coração se sobressalta, e temendo por sua vida, tanto como pela de suas primas, volta pressuroso pelo rastro, até que as encontra, complementemente desfalecidas, e semi-mortas.

“¡Primas, primas!... ¡Ay mis primas, doña Elvira y doña Sol!!!... ¡Oh mala proeza hicieron los Infantes! ¡Plegue a Dios que tengan su merecido!”...

“Las va haciendo volver en sí. Tan desmayadas estaban que no pueden articular palabra. Mas todo inutil”.

“Partiéronsele las telas — de dentro del corazón, llamando: ¡Primas, primas, — doña Elvira e doña Soll!... Despertedes, primas, — por amor del Criador! Mientras es el día — antes que entre lo noch, los ganados fieros no nos coman en aqueste mont!”

“Ya doña Elvira y doña Sol comienzan a recobrársese. Abren los ojos ven a su lado a Félez Muñoz”.

“¡Esforzáos, primas, por amor de Dios! Los Infantes en cuanto noten mi ausencia me harán buscar por todas partes. Si Dios no nos vale, aquí vamos a morir todos”.

“Y al fin doña Sol dice con inmensa amargura: ¡Ay, primo mio! Así os lo compense nuestro padre el Campeador, que por amor de Dios nos deis agua”.

Que realismo! Não pedem que as curem nem que as levem dali, mas que lhes dêm água. Sabería o mendigo *juglar* que o desejo mais veemente que sente uma pessoa, que teve um quase total derramamento de sangue, é o de beber água?...

Mas seu realismo não pára aqui. Tôda a cena que relata em continuação é de uma tão elevada plasticidade, que parece impossível ser descrita sem tê-la presenciado.

“Con un sombrero nuevo y hermoso, que acababa de sacar de Valencia, Félez Muñoz cogió agua y dió de beber a sus dos primas. Tan sedientas y lastimadas están que no logró nada hasta que las hartó. Al fin, después de tanto rogarlas, ha logrado que se sienten. Poco a poco las va confortando infundiendo ánimo hasta que, algo recobradas, las carga sobre el caballo, y cubriéndolas con su manto, tomó el caballo por la rienda, e inmediatamente salieron de allí. Todos tres, tristes y en silencio, salen del monte cuando ya anochece. Llegados a las aguas del Duero, Félez Muñoz deja a sus primas en la Torre de Doña Urraca, próxima a San Esteban de Gormaz, donde son atendidas hasta que se restablecen” (10).

Não está tomada do natural esta cena? Quem não tomaria como real e verídico o relato anterior? Cor razão diria Menéndez y Pelayo, séculos mais tarde que o Poema de Mio Cid era “poesía vivida y no cantada”. (11).

Tôdas estas belezas, tôdas estas qualidades inegáveis estão no poema. Mas voltemos à questão crítico-diplomática. Nada disto é historicamente verdadeiro.

Não são históricas nem as bodas, nem a afronta de Corpes, nem as subsequêntes Côrtes de Toledo, nem muito menos, está claro, o consequente duelo e vencimento dos Infantes. Temos documentos, e vamos indicá-los, segundo os quais tudo isto é poesia.

(10). — *Poema de Mio Cid*. Editora Espasa Calpe, págs. 210-217.

(11). — Menéndez Pidal, *Poema de Mio Cid*, pág. 8.

Segundo o poema estas bodas devem ter tido lugar depois da vinda do Rei de Marrocos; êste Rei de Marrocos não é outro senão Yusuf, chefe dos Almorávidas; assim sendo, a batalha de Sacralias, Sagrajas ou Zalaca, entre Afonso VI e Yusuf, tem lugar no ano de 1086; logo as bodas, hão de ter tido lugar depois desta data; no entanto, no ano de 1090, em uma doação de Afonso ao Mosteiro de San Juan de Burgos, figuram os dois Infantes, Diego e Fernando González confirmando-o como de *Schola Regis* (12). Em 28 de fevereiro de 1094, dona Juliana Fortúñez faz uma doação a San Millán de la Cogolla, *coram Rege Aldefonso*, assinando como testemunhas nossos dois Infantes: *Senhor Didacus Gonsalbez, hic testis. Fredinando Gonsalbez, hic testis* (13). Outra doação de Afonso feita em Castro Fruela e em favor da catedral de Burgos no ano de 1099 também vai assinada por êles (14). E finalmente duas confirmações de privilégios que o Rei Afonso faz para a Catedral de Oviedo e para o Mosteiro de Oña, em 1100 e 1105 respectivamente, assinam junto com outros Condes e Senhores, nossos dois Infantes, como de *Schola Regis qui praesentes fuerunt* (15).

Se como sabemos pelos costumes medievais, nenhum nobre derrotado em *palenque* (16) podia continuar pertencendo à côrte, é fora de dúvida que os Infantes nunca o foram, pois continuavam pertencendo ao séquito real muitos anos depois da data em que êste fato pode ter tido lugar, como os documentos anteriores nos indicam. E se nunca foram vencidos no *palenque* como diz o poema, é evidente que tão pouco cometeram o delito pelo qual foram desafiados de “menos valer” pelos familiares do Cid. Tão pouco temos alguma notícia das Côrtes de Toledo de que fala o *juglar*, fato importantíssimo, do qual deveríamos ter alguma referência como acontece com outros anteriores e posteriores. Nenhuma crônica, nenhum documento nos fala de um fato tão transcendental.

De tudo o que foi dito, uma só e única coisa se conclui e é, que tôda esta segunda parte nada mais é que uma formosa lenda, cujos personagens são reais e cujos demais acidentes topográficos, cronológicos, etc. são também autênticos. Mas o relato em si, só pertence ao mundo da quimera, e... ao da calúnia! O próprio Menéndez Pidal é desta mesma opinião, quando diz que tudo quanto o poeta cantava referente aos Beni Gómez, não era mais que uma “calúnia”, ainda que com algum fundamento por parte de certos membros desta esclarecida família.

(12). — *Ibid.*, pág. 556. (i.e. Menéndez Pidal: *Poema de Mio Cid*).

(13). — Cartulario de San Millán d. s. XVIII, n.º 338. Y Sota: *Principes de Asturias*, pág. 540. O notário lhes dá o título de “senior” seguindo o uso de la Rioja e Navarra.

(14). — Menéndez Pidal, *Op. cit.*, pág. 801.

(15). — Archivo Histórico Nacional. Oña (R-24). A cópia feita em 1501, omite o K = XL; pois na era 1113 que corresponde ao ano 1075, não há Rainha Isabel, nem arcebispo toledano, já que Toledo foi reconquistado dez anos depois, ou seja, no ano de 1085.

(16). — Recinto onde tinham lugar as justas, duelos e torneios (*Nota da tradutora*).

A Épica Castelhana sempre foi inimiga dos Beni Gómez por serem leoneses, ao que deve-se acrescentar que sendo os Infantes, e mais ainda seu tio, don Pedro Ansurez, o personagem mais poderoso da côrte, foram alvo, como é natural, de murmurações, das quais, com mais ou menos fundamento, são sempre vítimas os poderosos, por parte dos que lhes estão abaixo; para os quais os acertos são do Rei, e os erros de seus conselheiros.

Se bem que é verdade, em favor de quanto diz o poema, ou seja, de terem sido os Infantes vencidos em duelo e tidos, portanto, como traidores, está a famosa tradição de Cornellana, nas Astúrias, segundo a qual, *los Infantes de Carrión después de vencidos por los del Cid, fueron a ocultar su deshonra, junto a su pariente el Conde don Suero, y que fueron sepultados en el Monasterio de Cornellana* (17). Mas em abôno de tal tradição não conhecemos nem um documento que mencione tal desonra, nem indique a presença dos Infantes em tal lugar. Com referência a seu tio, o Conde don Suero, sim, temo-los. Assim, do ano de 1120, encontramos uma carta de troca, pela qual Gonzalo Ansurez e sua mulher Urraca Bermudit trocam com o Conde don Suero (Bermudez) a terça parte do Mosteiro de San Salvador de Cornellana (18).

Também nos encontramos nesta segunda parte com um pequeno detalhe, mínimo se se quiser, mas altamente significativo, e totalmente histórico: os *atambores de los Almorávides*.

Quando êstes segundos invasores da Espanha penetram na Península, trazem, além de uma tática nova, terror não sòmente a Afonso VI, como também a todos os seus generais, como García Ordóñez, derrotado em Uclés; Alvar Hañez, derrotado em Almodovar; (trazem) o nefasto rugir dêstes *atambores*, desconhecidos antes na Espanha. Era tão horrisono seu redobrar, e tão pavoroso seu som, que um dos principais fatôres psicológicos da derrota de Sagrajas, atribuem os cronistas a êste tétrico soar, *que helaba la sangre e hacía retumbar los montes*. Êste detalhe é tão característico, que não há um só cronista da época que o silencie. O poema, que como dizíamos, é totalmente verídico em todos os seus detalhes, tão pouco o omite, e assim diz:

(los Almorávides invaden a huerta valenciana)
“Fincadas son las tiendas e parecen los albores
a una gran priessa tañien los atambores”.

Tão horrisono é êste tangido, que à pobre Jimena, mulher do Cid, bem como às suas filhas *quiere quebrársele el corazón*; o Campeador para reanimá-las sòmente uma coisa lhes promete, *que dentro de quinze días tendrán en su poder aquellos instrumentos que tanto pavor les causam* (19).

(17). — Yepes, V. f. 381 d. e o P. Cartallo citado por Milá y Fontanals, *De la Poesía Heroica Popular*, pág. 246.

(18). — Vigil, *Asturias Monumental*, pág. 515.

(19). — M. Pidal, *Op. cit.*, pág. 91.

III. — Guerra perpétua entre as duas Espanhas

O mais belo e talvez o mais histórico do poema, por não prestar-se a invenções, é a descrição do ambiente de guerra perpétua entre as duas Espanhas, a cristã e a muçulmana, êsse caráter tão peculiar e exclusivo que possuía na Península a guerra contra os mouros. Isto sim, também é totalmente histórico, pois aqui não cabem mistificações. O estado de guerra permanente existente entre cristãos e muçulmanos, o caráter que essa própria guerra possuía, de guerra sem quartel e sem tréguas, na qual tudo era permitido, desde o cativo e o roubo, até a própria morte.

“Grado a tí. Padre Espiritual!
En sus tierras somos e fêmosle tod mal,
bevemos so vino e comemos el so pan;
si nos cercar vienen, con derecho lo facen”.

Está claro que esta confissão do próprio Campeador não quer dizer que os muçulmanos ficaram atrás, pois eram igualmente desumanos, como veremos em seguida. Não somente saqueavam e cativavam, como mais ainda, arrasavam tudo quanto à sua frente encontravam. A frase *muchas tierras preavan* encontramos repetida infinidade de vezes. As *razias, algaras y correrías* pelas terras de mouros, ou pelas dos cristãos, se fizeram tão correntes, que chegou a ser costume, efetuá-las duas vezes ao ano, na primavera e no outono. Onde quer que um cristão encontrasse um mouro, ou ao contrário, ali o matava, roubava ou prendia conforme fôsse sua fôrça. Chegar a uma cidade ou povoação, e sem prévio aviso atacá-la ou saqueá-la, era tão natural entre ambas as partes, que ninguém protestava.

Exemplo típico de quanto temos dito, é a tomada pelo Cid de

“Castejón el que es sobre Fenares
mio Cid se echó en çelada con aquellos que él trae,
Toda la noche yace mio Cid en çelada,
como los consejava Alvar Fañez Minaya”.

êste, trama a emboscada, e sai com duzentos em *algara*, sem esquecer-se o Cid de dizer-lhe: *Aosad corred que por miedo non dexedes nada*. Minaya o realiza com excesso e arrasa tudo quanto encontra à sua frente, desde Fita por Guadalajara até Alcalá (uns cinqüenta quilômetros).

Entretanto o Cid emboscado junto a Castejón, espera que todos saiam para os trabalhos do campo. Os mouros desprevenidos e sem pensar na tormenta que se lhes avizinha, deixam as portas abertas e se espalham pelos campos. O Cid de *rebato* sai da emboscada, e surpreende aos descuidados mouros, que duvidosos, não sabem aonde acudir. Fogem para a praça, mas seguidos tão de perto pelo Campeador e seus soldados, que logram êstes entrar antes que os próprios mouros.

A cidade com tudo quanto encerrava tornou-se propriedade do Cid, que fêz e desfêz à sua vontade!

Minaya que por seu lado não dormiu tão pouco, volta com uma quantidade tão grande de gado e roupas, em tal número, que não há quem compre, nem a quem dar de presente. Por êsse motivo o Cid acode, para que lhe comprem o seu “quinto” (que como chefe lhe corresponde), dos mesmos habitantes de Hita e Guadalajara, aos quais, dias antes, o havia roubado Minaya.

Tudo isto é apenas um pálido reflexo da realidade, pois pelo *Libro de los Milagros de Santo Domingo de Silos* (20) conhecemos fatos muito mais horríveis ainda, sobretudo de cativos. Vejamo-los, e vejamos também os motivos e as conseqüências.

Umaz vêzes tratava-se de verdadeiros prisioneiros feitos no campo de batalha, ou como conseqüência dela; outras vêzes, eram feitos ao frustrarem-se algaras ou correrias dos cristãos por terras de mouros; e finalmente eram em outras, os mouros que penetravam em terras cristãs e levavam entre seus despojos, cristãos cativos, em regra geral, gente pacífica que era surpreendida quando, descuidada, dedicava-se aos seus trabalhos campestres, como vimos com a de Castejón.

As pazes entre árabes e cristãos, na maioria das vêzes não eram mais do que illusórias, como podemos provar em continuação, pois a má fé de uns e outros, se encarregava de que não fôsem reais, e assim, na maior impunidade e de maneira vilã faziam suas prêsas.

Tal aconteceu a Johan Martínez de San Román, natural de Carrión e morador de Sevilha, que ia com dois companheiros buscar pão em Alcalá de Guadaira, e se encontraram com sete cavaleiros de Ronda y *habiendo treguas apresaron a estos tres cristianos*. Levaram-nos cativos e a Morón, e os cristãos desta vila (ou seja, os mozárabes) quiseram comprá-los, não o consentindo os aprisionadores. No dia seguinte levam-nos a Ronda, e próximos da vila mandaram perguntar se lhes deixariam introduzi-los nela; mas as autoridades se negaram a deixá-los entrar *por razón de las treguas*. Em vista disso, conduziram-nos a Algeciras onde os puseram em leilão.

Assim procuravam acomodar o respeito oficial devido às treguas ajustadas, e o cativoiro desleal feito durante as mesmas.

Infinitos são os exemplos de autênticos prisioneiros feitos no campo de batalha; mas apenas citaremos um, famoso por refe-

(20). — *Vida y Milagros de Santo Domingo de Silos*, escrita por Pero Marin no século XIII. O autor, monge de Silos, escutou a maioria dos relatos, conforme diz o manuscrito, dos lábios dos próprios interessados, quando voltavam para dar graças a seu libertador Santo Domingo de Silos, por havê-los livrado do cativoiro, de maneira geralmente milagrosa e extraordinária. Sua autenticidade não pode, portanto, de modo algum ser posta em dúvida. A publicação foi feita pelo P. Vergara em 1736. Comentários magníficos sobre este livro podem ser vistos na revista *Al Andalus VII*, fascículo 1, 1942, págs. 49 e segs. José Mâ. de Cosío, *Catitivos de moros en el siglo XIII*.

rir-se à morte perto de Écija, de don Nuño de Lara, *Adelantado* da fronteira pelo Rei don Afonso X, o Sábio.

Segundo Pero Marín, que o recolhe por sua vez dos lábios de Ramiro, Almocadén de Matrera, e testemunha presente da infeliz ação, relata, em Silos que *salió con cuarenta y cinco peones en ayuda de don Nuño a Écija, ...la vigilia de Santa María de Septiembre, (7 de setembro)*. *El domingo por la mañana, mandó don Nuño començar la lid*. Não estando conforme o Adalil branco, com esta ordem, entabola-se um diálogo entre ambos, o qual não resistimos em copiar textualmente, pela inimitável simplicidade com que o faz, e a abundância de detalhes.

Assim diz Pero Marín:

“Dixol el Adalil blanco: don Nuño, non comences la lit tan de mannana, atendet fata el medio dia, et seredes bien apreso, et todos cuantos son convusco; que non fincará moro que todos non mueran. Et si non atenedes fata medio dia, morredes vos, et cuantos aquí son.

— Dixol don Nuño: — Nunca me dirán traidor; mas quiero morir, que bevir con mal nombre. Entonz mandó desvolver la su senna.

— Dixol otra vez el Adalil blanco: — don Nunno, atendet fata tercia, et seredes bien apreso.

— Dixol: — Non lo faré”.

Aqui, o relato do cativo, como cumpre a seu caráter épico, se detêm na velha superstição agoureira das aves, da qual encontramos uma infinidade de exemplos em todos nossos velhos poemas, como o de Fernán González, Los Siete Infantes de Lara, e como já temos visto em nosso poema em páginas anteriores.

Prossegue Pero Marín com estas palavras:

“En esto veno un águila de mano diestra ante ellos, et passó a la siniestra: después passó de la siniestra a la diestra, et veno aderredor, et posósse en somo de las menas. Comenzaron la lit et murieron todos los peones que fueron con Ramiro el sobredicho, et otros muchos: et cativaron a Ramiro...”

Segue-se a batalha, a qual não somente a perdem como termina em matança geral de todos os cristãos, e entre êles o desditado don Nuño, que supersticioso ou não, pagou com a vida seus desejos de melhor servir ao Rei.

Outras vêzes o motivo de cair prisioneiros não era por móveis tão honestos e heróicos. O roubo também movia então, como agora, o coração dos inquietos, e ainda em trôco de perder a vida ou a liberdade, ou muitas vêzes ambas as coisas, corriam o risco, para conseguir umas vacas ou aprisionar um rebanho.

Assim sucedeu a Martín Dominguez de Aranda, morador de Sevilha, que saindo com outros de Cot

“et ovieron saber como andavan vacas cerca de Azafra, et que las podrien haver. Ellos yendo, ovieron de encontrar con Galim et Zaba, con 250 peones de moros, et dándose los unos con los otros de dexáronse vencer, et morieron tres moros. Después tornaron et mataron pieça de los cristianos, et cativaron este Martin Dominguez, et diéronle trece golpes. Et tomaron los moros quatro cabezas de los christianos, et atáronlas, et echárongelas a Martin Dominguez acuestas, et asi lo levaron fata Ronda”.

Creemos que só êstes exemplos são mais do que suficientes, para provar nossas anteriores afirmações. Se alguém quiser certificar-se por si mesmo, tem somente que visitar a Igreja do Mosteiro de Silos, onde ainda poderá ver, como nós, as paredes cobertas de cadeias, cepos, grilhões e demais instrumentos *ad hoc*, de cativos fugidos ou libertados milagrosamente pelo glorioso São Domingos.

Mas voltemos ao nosso poema, que como é patente coincide em tudo com Pero Marín, de igual maneira com todos os demais documentos da época.

Uma única obsessão dominava aos cristãos peninsulares na Idade Média, e era que deviam expulsar os sarracenos da Península a todo custo; para isso pensavam, que todo o dano que lhes fizessem, contribuiria, em seu parecer, para a consecução dêste objetivo. E não se creia que sustentavam essas idéias somente os desterrados como o Cid, ou García Ordóñez, que tiveram necessidade disso para viver, como diz o Campeador ao derrotado Conde de Barcelona:

“Mas quanto avedes perdido e yo gané en campo
sabed no daré a vos dello un dinero malo
ca huebos me lo he pora estos que conmigo andan lazrados.
Prendiendo de vos e de otros ir nos hemos pagando
avremos esta vida mientras ploquiere al Padre Santo,
como que ira a de Rey e de tierras es echado”.

Não, era o sentir comum de todos, até do próprio Rei Afonso VI, que não desperdiçava nenhuma ocasião de furtar, roubar e saquear aos míseros e desunidos Taifas, e que o diga a embaixada de Pedro Ansurez, pedindo *parias* a Abu Ziry, Rei de Granada (21); ou o preço que Afonso VI põe ao auxílio que presta a Alcadir, Rei de Toledo (22).

(21). — Pelas próprias memórias de Abu Ziry sabemos a quantidade pedida: vinte mil dinares (20.000). (Abu Ziry, *Memorias...* em *Al Andalus*, Vol. IV, fascículo 1, pág. 29).

(22). — Todo o ouro e tôdas as jóias que tivesse, mais os Castelos de Torres e Canales. (M. Pidal, *Op. cit.*). Claro que Alcadir logrou escamotear desta entrega jóias de tão incalculável valor, como o “Collar de los Agujiones de Escorpión”, que havia servido de cinto para a sultana Zobeida, mulher que foi do famoso Califa das “Mil e uma noites”, Harun al-Raschid; acerca de cuja origem histórica, valor e destino trágico, que chegam até Isabel, a Católica, temos um livro em preparação.

E tudo isto sabemos primeiro, pelo poema, e depois pelos documentos e crônicas árabes muito mais verídicas, e menos aduadoras do poder real, do que as cristãs.

IV. — *As instituições medievais no poema.*

As instituições e costumes da época tão pouco passam desapercebidas para o poeta: o costume de entregar o quinto dos despojos ao chefe, vemos mencionado, infinidade de vêzes; a lealdade, direitos e deveres da vassalagem, incondicionais até a morte, em defesa do senhor; e finalmente o repto, para não sermos mais extensos, suas condições, assim como seu cerimonial, disposição do campo, tempo, os juizes, etc., com todos os detalhes que se podem ver nos versos seguintes. Neles aparece o *juglar* respeitíssimo com a verdade histórica, desde os personagens até os mais leves pormenores de indumentária e armas.

Veja-se como descreve tudo que se refere ao repto que o Cid faz aos Infantes de Carrión, que como se sabe o injuriaram e maltrataram suas filhas, deixando-as depois abandonadas num monte.

O Rei nomeia os juizes:

“Alcaldes sean desto conde don Anrric e conde don Remond
e estos otros condes que del bando non sodes”,

em seguida ordena, que segundo o ritual, o Cid peça justiça; êste faz suas reclamações, começando pelas espadas Colada e Tizona, as jóias, arras das desposadas, etc., que os juizes vão resolvendo no ato, e finalmente o repto culpando aos Infantes de “menos valer” coisa que há de fazer cada um dos defensores do Campeador, familiares todos êles das desposadas, de conformidade com a vingança do sangue então vigente, a cada um dos Infantes; e como Pero Vermúdez parecesse um tanto calado, pelo que não entraria no duelo, o Cid o increpa desta maneira feroz:

“Fabla Pero Mudo (23), varón que tanto callas!
Yo las he fijas, e tu primas cormanas!
a mi lo dicen, a ti dan las orejadas.
Si yo respondiero tu non entraras en armas”.

Efetuada o desafio, o Rei fixa o prazo:

“Aquí los pongo plazo de dentro en mi cort
a cabo de tres sedmanas, en vegas de Carrión
que fagan esta lid delant estando yo”.

(23). — Chamava-se Pero Ber-Mudo, mas por uma formosa figura retórica o Cid suprime a primeira parte, para deixar somente a segunda, com a qual o insulta.

O Cid temendo qualquer traição do “bando” (24) dos Beni Gómez, encomenda seus lidadores ao Fuero Real, ao que lhe responde Afonso, que nada tem que temer.

Chegada a véspera da luta, todos cuidam das armas; amanhado o dia seguinte, e estando presente o Rei, armam-se uns e outros separadamente, montam a cavalo, e até o armamento que uns e outros tinham que empregar — lança, escudo, espada — também nos diz o poeta:

“los escudos a los cuellos que bien blocados son,
e mano prenden las hastas de los fierros tajadores
estas tres lanças, traen seños pendones”;

o campo delimitado:

“ya salieron al campo do eran los mojones”.

O Rei nomeia juízes do campo de cada um dos bandos:

“El Rey dióles fideles por decir el derecho e al none”.

Feito isto, os “fideles” de cada bando ensinam os marcos aos lidadores:

“Los fideles e el Rey enseñaron los mojones
livrábanse del campo todos aderredor.
Bien gelo demonstravan a todos seis commo son
que por i serie vencido qui saliese del mojón.
Todas las yentes escombraron a derredor
de seis hastas de lanças que no llegasen al mojón”.

Sorteia-se depois o campo e os juízes abandonam o centro do *palenque*:

“Sorteávanles el campo, ya les partien el sol
salien los fideles de medio, ellos cara por cara son”.

Vem em seguida o desenvolvimento do combate no qual se dão e recebem feros golpes entre ambas as partes, até que os de Carrión, uns após outros vão declarando-se vencidos, com o que termina o duelo e também o poema.

A vista desta descrição tão pormenorizada, não nos fica a menor dúvida de que os reptos e combates conseqüentes, se levaram a cabo no século XI, nestas precisas condições que deveriam ser conhecidas por todos, e portanto, podemos afirmar que um repto, historicamente era assim.

Ao contrário, em nosso caso concreto, o fato material do repto é totalmente legendário, e muito mais lendário ainda, o lugar. Disto, não nos cabe a menor dúvida, pois seria demasiada humilhação, caso fôsse certo, não para os Infantes precisamente, se não para um personagem que, como don Pedro Ansurez, era, pode-

(24). — Bando dos de Carrión, poderosíssimos na côrte, chamava-se a todos os nobres partidários destes, dirigido pelo Senhor de Valladolid, Pedro Ansurez.

se dizer, tão poderoso como o próprio Rei. Permitir êste, que a própria capital de seus estados, Carrión, servisse de *palenque* para sua humilhação, é demasiado para que êste o tolerasse em silêncio, e menos ainda, para que Afonso, que tudo lhe devia, até o reino e a própria vida (25), lho propusesse, e menos ainda o levasse a cabo. Que importou jamais o Campeador a Afonso VI? Nada. Que benefícios poderia trazer esta justiça?... Nenhum. Em troca, que fêz Afonso que não fôsse sempre do agrado de don Pedro? Afonso apreciava êste em demasia, para sobrepor-lhe um desterrado, que apesar de muito grande, só lhe tinha feito passar maus momentos, desde Santa Gadea, até o próprio instante em que isso poderia ter acontecido: umas vêzes ficava com as *parias* que ia cobrar; outras, atacava aos mouros de Toledo; amigos de Afonso, onde êste tinha os hospitais, que hoje chamaríamos de sangue, para seus soldados (26), outras, enfim, afrontava de maneira ultrajante, em realidade, sem motivo suficiente, a nobres como García Ordóñez, que em reciprocidade lhe devolviam a afronta em ostracismo.

Mas afora todos êstes motivos que poderíamos chamar sentimentais, temos outros de mais pêso: não existe documento algum; pelo menos, é hoje totalmente desconhecido, onde, mais ou menos se faça menção nem longínqua sequer, de acontecimento, que necessariamente teria chamado a atenção pública. Nem o próprio Menéndez Pidal, tantas vêzes mencionado, e autor verídico neste assunto, o admite como certo, apesar de referir a *Tradición de Cornellana*, da qual já destacamos o mérito em linhas anteriores. Pelo contrário, mostramos documentos (e alguns citamos neste trabalho) que nos demonstraram até à evidência, que os Infantes continuavam na Côrte, bastante anos após êsses acontecimentos, coisa totalmente impossível de ser exata, pela desonra e destêrro inerente à Côrte, que tal derrota trazia consigo.

Por tudo o que nos atrevemos a afirmar, que não sòmente o repto, mas como tudo aquilo que o motivou, e em geral os fatos narrados nesta segunda parte, não são mais que pura lenda, invenção do *juglar*, mas tão bem delineados, tão bem unidos e entremeados de dados históricos com os lendários; tudo tão natural, tão humano, tão conforme com o senso de justiça, que se atribui a Afonso VI, e com os costumes e usos da época, que se não conhecêssemos por outros documentos os bandos e suas famílias, nos inclinariamos a acreditá-los totalmente históricos. Mas nada disto diminui o poema, pelo contrário, pois não se trata de uma

(25). — O Conde don Pedro Ansurez livrou Afonso VI da morte depois da batalha de Golpejera, quando prisioneiro de seu irmão Sancho, êste ia executá-lo, conseguindo don Pedro trocar a pena de morte pela do destêrro, e desterrando-se êle próprio, com seu Rei, para a côrte do Rei mouro de Toledo. Al Mamún. (*Boletín de la Real Academia de la História*, V. — 1884, Cap. IV, págs. 155).

(26). — M. Pidal, *Op. cit.*, pág. 267.

história, e sim de um poema épico. Posto em comparação com muitas histórias e crônicas medievais, é mais histórico que a maioria delas.

Creemos que com aquilo que aqui foi por nós exposto, podemos fazer uma ligeira idéia, sumária, mas muito aproximada, do que o poema tem de histórico e do que tem de legendário, ambas as coisas que pretendemos demonstrar através dêste trabalho.

RICARDO ROMÁN BLANCO

Professor da Universidade de Valladolid (Espanha). Adjunto à Cadeira de História da Civilização Americana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, como Professor de Paleografia e Diplomática.